



Director literario:
Antonio Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
PAPUSSE

ERA UMA VEZ...

O FEITICEIRO

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES
Desenhos de EDUARDO MALTA



S Avós já eram muito velhos. Joanico era o netinho mais novo. Muitas vezes, para lhes aliviar os dias, ele ia estar com os velhinhos, algumas horas.

Mas Joanico tinha sete anos e os Avós, mais de setenta.

Joanico sentia a necessidade de correr e de gritar, depois de ter estado, alguns instantes, a jogar o «Lôto» com eles.

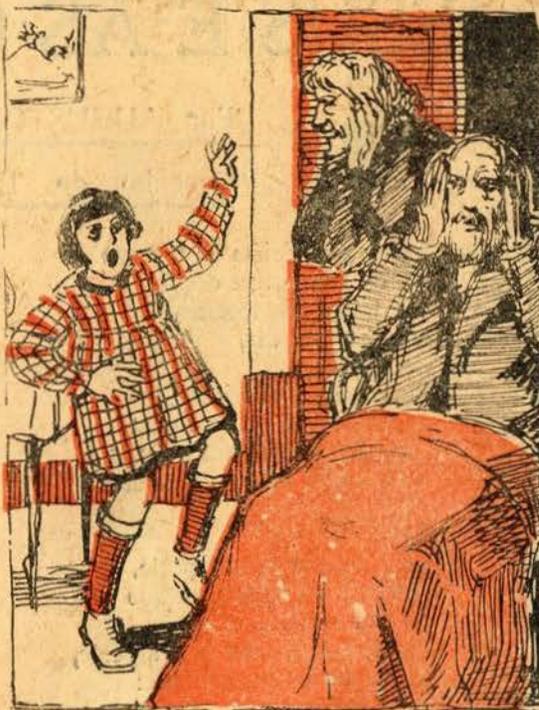
Os Avós não o podiam ouvir e chamavam-no, para lhe contar histórias. Joanico chegava a ter sono.

Um dia, arrebatadamente, abraçou-os, beijou-os muito e disse:

— Se a minha Avó e o meu Avô soubessem como eu gostava d'êles se me deixassem fazer barulho, mandavam-me logo gritar!

E era tão linda a carinha de Joanico e eram tão bons os seus beijos e os seus abraços, que os velhos sentiram a vontade esvair-se e prestaram-se ao sacrifício.

Nesse dia, porém, tiveram de deitar-se



muito cedo, com uma dor de cabeça horrível e os nervos exaustos.

■ F I M ■



JESUS E AS CRIANCINHAS

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA

Para que Cristo os tocasse
da sua Graça divina
e a todos abençoasse,
traz-lhe, um dia,
uma judia,
linda mãe samaritana,
seis bebês e uma menina
que, deles seis, era a mana
mais velha mas pequenina,

Certo
hebreu, que estava perto,
ouvindo o verbo inspirado
do seu Mestre,
volve, então, num tom ágreste,
afastando os pequeninos:
— «Para que vindes aqui

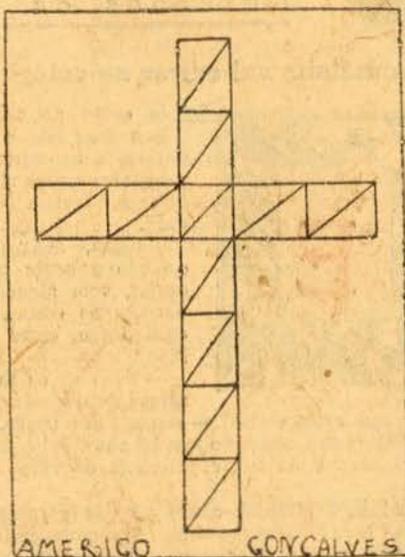
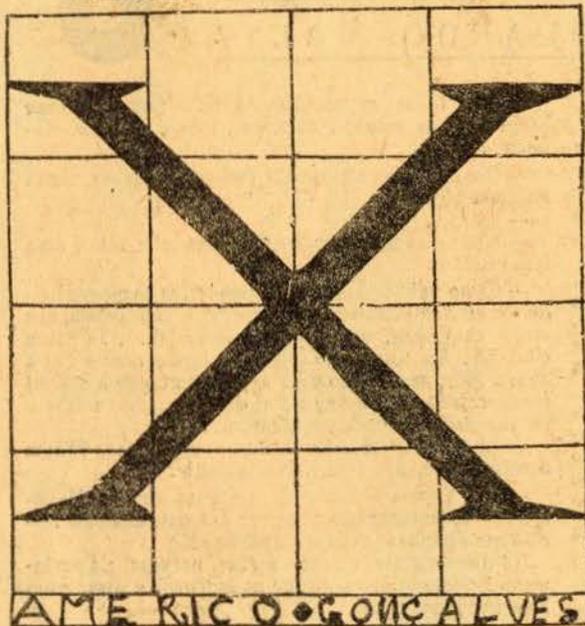
*com vossos sete meninos
importunar o Rabi?!»*

Entanto, Jesus, ouvindo
desse hebreu a impertinência,
e em face do rancho lindo,
todo candura e inocência,
brada-lhe logo: — «Deixai
vir a mim os pequeninos,
pois que, no Ceu, o meu Pai
tem por anjos os meninos!»

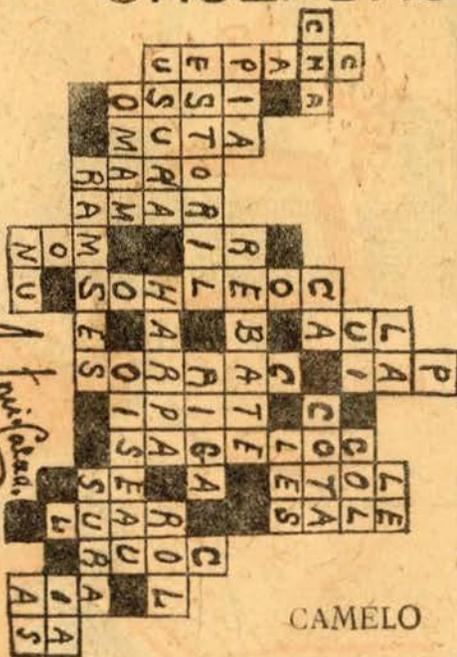
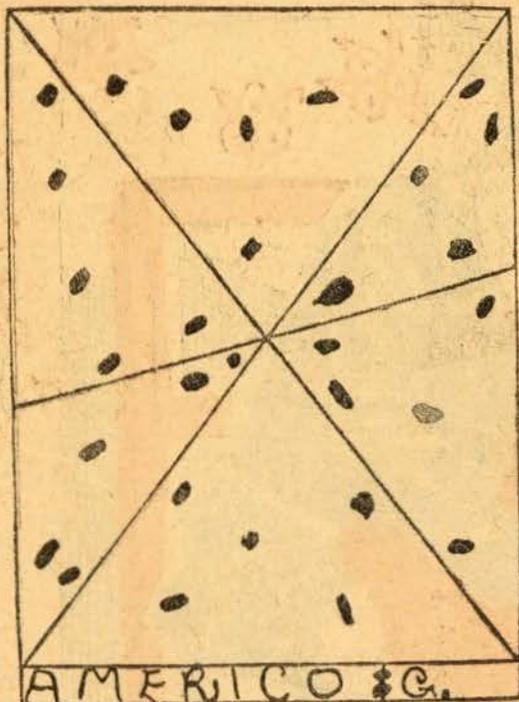
*E desde já vos aviso,
quem me avisa amigo é,
que, para entrar no Paraizo,
unicamente é preciso
ser pufo como um bebê!*

■ F I M ■

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ANTERIORES



PALAVRAS CRUZADAS



Solução da adivinha do número passado
 1- Todo-2- Tola-3- Toda-4- Tody-5- Toro-6- Toca-7- Toga-8- Tosa.

MARIAZINHA...

Por **MARIA AMELIA de MIRANDA RODRIGUES**

Desenhos de **EDUARDO MALTA**

Mariazinha vai entrar no colégio



ELA ia entrar no colégio.

Nos seus lábios, atropelava-se um mundo de perguntas e uma alegria amarga, fazia-a vibrar toda.

— Olha, Manecas, quando a gente se vai deitar, vem alguém tapar-nos as costas, com cuidadinho, como faz a Mãe?

— Não; lá os professores internos não se importam com essas coisas! — respondeu o irmão, todo orgulhoso da sua farda, do seu 4.º ano dos liceus, dos seus 14 anos e da sua experiência da vida... escolar.

— Ah! E, de manhã, quem me faz os caracois? Quem me lava? Quem me veste? Quem me perfuma?

— Minha querida Mariazinha. Vais deixar os teus caracois e o teu perfume e quanto a lavar e a vestir, tu terás de te acostumar, a servires-te sózinha.

Ela calou-se uns instantes, succumbida e depois tornou, com os olhos brilhantes de esperança:

— Mas todas as manhãs, hei-de tomar o meu leitinho e as minhas bolachas, não é verdade, Manecas?

— Qual! Todas as manhãs terás, para beber, água de lavar chávenas.

—!!

— Sim; eles chamam-lhe café com leite, mas é uma boa mistela.

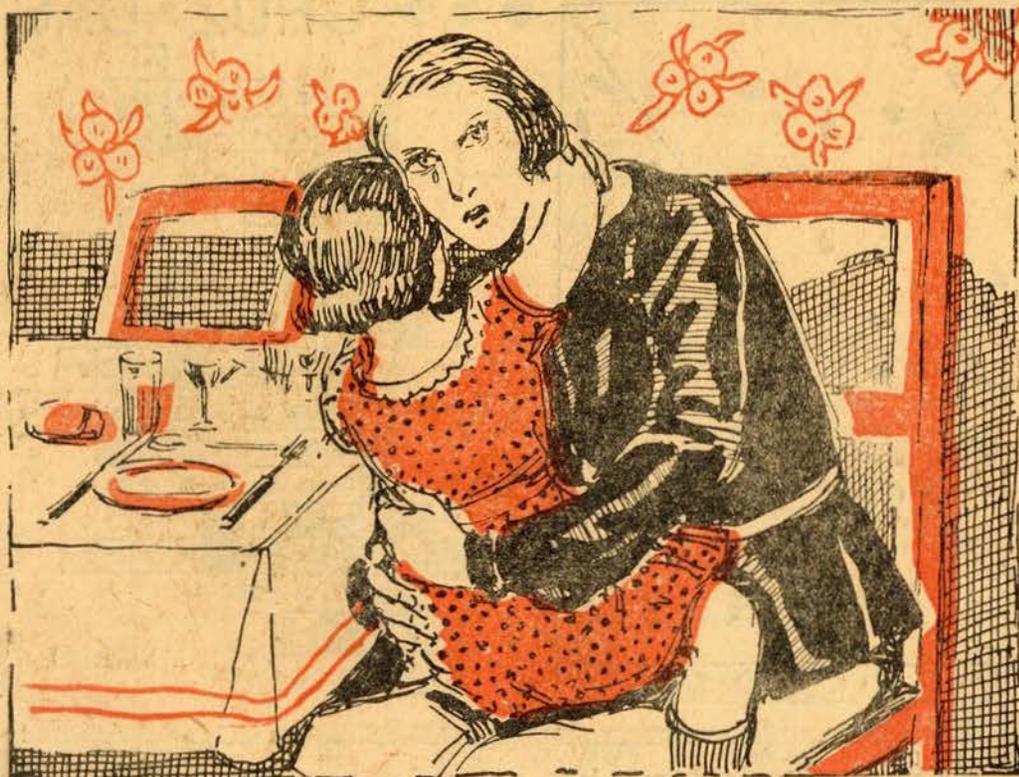
— Como vai ser mau, tudo isso! Mas ao menos hei-de ter muitas meninas para brincar à cabra-cega, aos cinco cantinhos, aos jogos de prendas... Já estou contente. Eu não posso ir para o Japão, com o Pai e com a Mãe, senão fico uma ignorante como a Maria, nossa criada. Foi o que o Pai disse, quando a Mãe e eu lhe pedimos para me levarem...

— Ah! isso é verdade. Entrar amanhã para te ires acostumando, não é isso, Mariazinha?

— E'. Vamos brincar ao jará, vamos, ó Manecas; — e, começando a correr desvairadamente: — Não me apanhas! Não me apanhas!

No dia seguinte, quando a Mãe, nervosa, a apertava ao peito, ela enxugou-lhe as lágrimas e disse num leve tom de censura:

— Então, Mãe, não chores, não sejas criança. Tu não vês que é para meu bem? Não vês que me vou fazer uma senhora?



Mariazinha aborrece-se

Mariazinha já estava farta.

Só tinha umas horas para brincar, as outras passava-as na aula, sentada na carteira, a fazer algarismos, a fazer a escrita. Às vezes ia lêr. Mas tudo aquilo era tão maçador! Se ela ria, zangava-se a pro-



fessora; só a Mãe gostava tanto de ouvir as suas gargalhadas!

Se ela se levantava ou empurrava as outras, logo ouvia uma voz irada:

— Esteja quieta, menina!

Era um verdadeiro inferno. Uma vez que não soube fazer contas, bateram-lhe com a palmatória nas mãos gretadas pelo cieiro. E as mãos pequeninas, tinham sangrado. Se a Mãe visse! Se a Mãe soubesse! Outra vez, como tinha feito um desenho muito esquisito, ataram-lho ao pescoço e puzeram-lhe uma carapuça com orelhas de burro. No papel muito branco, destacava-se, em letras enormes, esta palavra: **DESCUIDADA.**

Descuidada! E quem tinha cuidado com a sua cabeça, com os seus caracóis desfeitos?

Uma vez, como esteve ao pé de uma menina pouco açada, apanhou uns bichinhos e, agora, tinha muitos que lhe faziam comichão.

Devagar, muito devagar, Mariazinha levou aos lábios, a medalha que tinha ao pescoço, com o retrato do Pai e da Mãe e, depois, num gesto de súplica, que a tornou adorável, disse:

— Pai, Mãezinha, venham! A vossa filha vai ficar sem cabeça!

Mariazinha vai passear

Nesse domingo, depois de terem ido à missa das 9, as alunas internas iriam passear ao Campo Grande.

Mariazinha, já se imaginava no trem, com as suas amigas mais queridas e via-se correndo em liberdade, via-se dentro do barquinho que vogava delicio-

samente no lago e uma saudade enorme, ergueu-se, no peito pequenino.

Era assim que ela fazia, quando ia passear com a Mãe, o Manecas e a «Miss». Desta vez não ia com eles, mas iria com a Maria Emília com a Beatriz, com a Isaura e com a Lila, que era tão amiga dela.

Mariazinha admirou-se bastante, quando, ao sair, não viu trens nem automóveis. Iriam a pé, em forma, como os soldados!

Não era isto que esperava mas, enfim, se ao menos fosse ao lado da Beatriz...

Até ao Campo Grande, o caminho foi suave, de rosas; também foram às aleas do jardim onde os seus pézitos voavam, mas a volta, men Deus, a volta!

Mariazinha não sabia onde havia de pôr os pés; as pernas tremiam-lhe, queria parar, mas a professora não consentia. Começavam as lágrimas a encher-lhe os olhos, quando chegaram ao colégio. A pequenina jantou, foi-se deitar, mas, no dia seguinte, não pôde deixar a cama. Não conseguiu levantar-se; as pernas vergavam-se e ajoelhava.

Então a Lila que era mais velha do que ela, uns 10 anos, sentindo, no coração adolescente uma grande piedade pela criança sem carinhos, que soluçava, em surdina, a ausência da Mãe, disse-lhe:

— Olha, Mariazinha, não chores, eu venho vê-te muitas vezes, sim?

— Lila! como és boazinha... Quando fôres senhora, como a minha Mãe, o Pai do Céu há de dar-te uma filha bonita e meiguinha como eu, sim?



Os pais de Mariazinha, voltam

Afinal, os pais de Mariazinha e do Manecas, não se demoraram tanto tempo no Japão, como tencionavam. Estavam já de volta e a pequerrucha, não sabia como agradecer a Nosso Senhor, tamanha felicidade.

Quando foi abraçar os pais, viu uma criada, com uma criança nos braços.

— Mãe; é uma boneca para mim?

— Não, minha filha; é um irmão teu.



— Meu irmão? Se não fosse tu seres tão verdadeira, eu não acreditava, porque, o meu irmão, é o Manecas.

Pois sim, mas este é outro, que foi, numa condencinha, para o Japão.

— E', então, japonês?
— E'.

— Deixa-me vê-lo.

Depois, com a certeza de que aquele boneco de carne lhe iria roubar muitos beijos, teve esta saída:

— Olha, Mãe. E se tu o vestisses de japonês e o puzesses na sala, em cima de uma coluna? Havia de ser engraçado e muito mais bonito que o da mãe da Geja, que é de loiça, é amarelo e é velho...

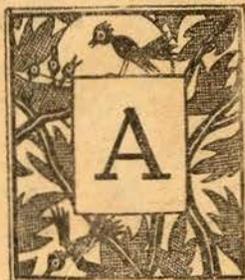


DO LIVRO INÉDITO

“Sua Magestade
o Menino”

O ELEFANTE

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES



MADRINHA de Eduardinho, tinha-lhe dado um elefante grande, tão grande, que Eduardinho se podia sentar nele. E era bonito o «Oriente», com a sua tromba enorme, com o seu palanquim dourado. E os

olhos? Os olhos, brilhantes, luzidios, pareciam viver.

Eduardinho ardia na curiosidade de saber como aquilo era feito e um dia, muito às escondidas, pegou numa tesoura e... zás!

Desiludido, Eduardinho quiz pôr tudo na primeira forma, mas só conseguiu picar-se

cruelmente, na agulha, que tinha pedido, em segredo, à cozinheira.

Desistindo, escondeu o «Oriente» o melhor que pôde e foi para o jardim, correr atrás das borboletas.

Como eram horas de jantar, a Mãe chamou-o.

Eduardinho perturbou-se, mas apelando para toda a coragem moral de que podia dispôr, disse um pouco sacudido:

— Mãe, se me chamas por causa do «Oriente» ter a barriga aberta, já te digo que não fui eu. Foi naturalmente o gato aqui do lado, porque quando eu entrei na sala de estudo, êle estava ao pé do elefante e da tesoura do peixe, e, se não fôsse por os bigodes lhe taparem a bôca, eu ia jurar que êle estava a rir...

F I M

HORA DE RECREIO

LABI

RINTO

- 1 L
- 2 T
- 3 S
- 4 T
- 5 T
- 6 T
- 7 T
- 8 T
- 9 T
- 10 T
- 11 M
- 12 T
- 13 T
- 14 L



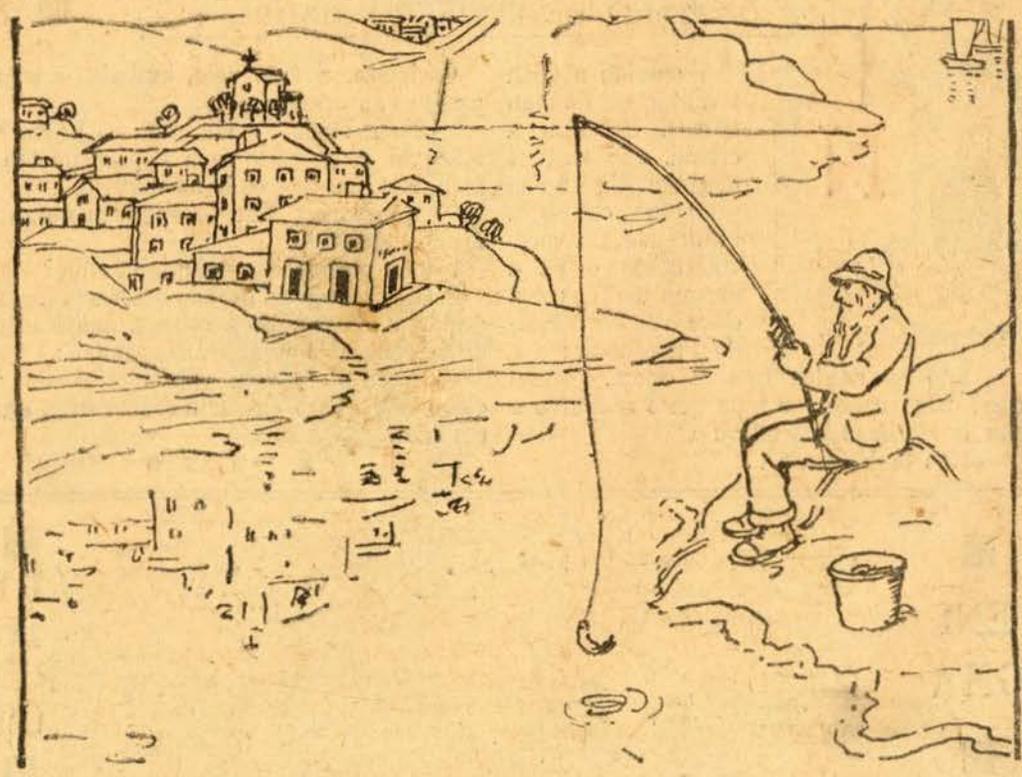
Qual o caminho mais rápido que o moleiro deve seguir para levar o seu saco de farinha à padaria que se vê ao centro da gravura?

Juntar duas letras á silaba «LA» de modo a formar palavras com a seguinte signi ficação:

- 1-forma de verbo. 2-ave. 3-peça que serve de motor a qualquer maquinismo. 4-peça do jogo de foot-bal. 5-peça que serve para meter nas espingardas. 6-peça para melo de transporte. 7-compartmento. 8-parte do sapato. 9-parte do casaco. 10 formosa. 11-Estirina que dá luz. 12-serve para colar. 13-femea do macho. 14-parte do boné.

Luz Guilherme Mendonça de Albuquerque

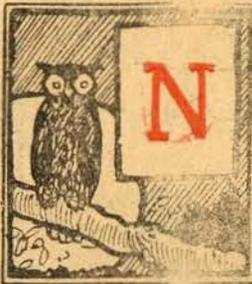
PARA OS MENINOS COLORIREM





GINA

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES
DESENHO DE EDUARDO MALTA



ESSA manhã, a Gina levantara-se de mau humor. Beliscou a criada, que tentava desemaranhar a sua preciosa cabeleira bronzeada, fez caretas, bateu o pé e mesmo ao ouvir a doce voz da Mãezinha, perguntar:

— São os dentes que te doem, pequenina? Ela respondeu num gesto sacudido e com as lágrimas nos olhos;
— Não tenho nada...

Cariciosa, a Mãe veio, embalou-a mas o pranto não cessava.

— Meu amor... Gininha... Então? A Mãe vai comprar-te uma boneca do teu tamanho. Não queres ir ao dentista?

— Quero sim, Mãe—respondeu numa voz terna.

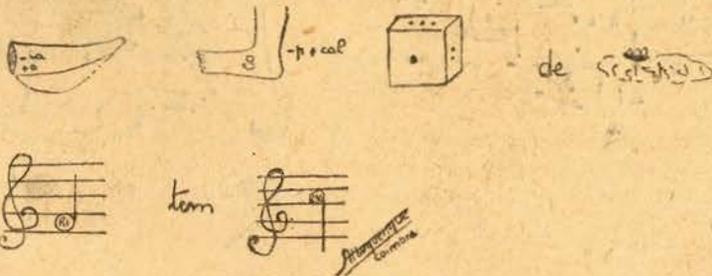
Então, porque choras, minha vida?

A Gina sentou-se, limpou bruscamente as lágrimas e, levantando a cabeça, numa atitude de impecável dignidade, respondeu:

— Mãe, o dentista vai fazer-me doer e, como não quero chorar à frente dele, choro em casa.

■ F I M ■

ENI
GMA



PI
TO
RES
CO